

Visado
pela Comissão
d e Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENT. ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

As muralhas de Barcelos

Barcelos Militar

(Sec. XV)

Transcrição

Pelo Dr. Antonio Ferraz

(Continuação do n.º 39)

Depois das ligeiras considerações sobre a antiquidade da fortificação de Barcelos, que deixamos no penultimo numero d'esta revista cumpre-nos descrever o seu traçado e constituição.

Transportemo-nos ao Século XV. O observador que, voltado para a vila, se collocasse sobre a formosa ponte de pedra que liga Barcelos a Barcelinhos, tinha na sua frente, fechando a extremidade norte da ponte, uma elegante torre quadrangular, toda de cantaria e constituída por dois corpos sobrepostos.

O corpo inferior, cujo pavimento ficava precisamente em uma varanda ou galeria saliente, tambem de cantaria, sustentada em fortes cachorros de pedra, correndo ao longo das faces nascente, sul e poente da mesma torre.

Sobre esta galeria assentava o segundo corpo da torre, tambem de forma quadrangular, mas um pouco retrahido e com portas para a galeria, coberto por um telhado de ponto subido e circundado de ameias de que arenegia a esguia chaminé de um fogão interior.

Da ponte entrava-se para o interior da torre por uma porta de arco de volta redonda, que era a porta principal da vila, havendo mais duas das mesmas dimensões e fórma, uma na face nascente, pela qual se entrava na rua dos Pelamez, hoje rua Faria Barbosa, e outra na face voltada ao poente, que dava para a antiga rua da Ponte, depois chamada do Ferreiro e actualmente do Duque de Bragança.

Entre as duas portas lateraes da ponte e na face oposta à ponte, mandou a Camara Municipal construir em 1631 uma ponte, que se abastecia das sebras do chafariz da Praça (hoje Praça Municipal) e era conhecida pelo nome de Santa Mónica.

Este belo especimen arquetónico do século XV era a torre de ménagem ou alcaçova do Castelo em que habitavam os donatários da vila — os condes de Barcelos.

Dela damos uma cópia de um desenho autentico do século XVI, arquivado na Torre do Tombo.

D'esta torre partiam as muralhas que, como dois enormes braços de granito, cingiam em forte amplexo toda a vila.

Constituídas de pedra solta e argamassa, muito altas e de espessura bastante para resistir ás armas do tempo (2.^m 80), tendo os adarves guarnecidos de fortes ameias de defeza, as muralhas fechavam um amplo recinto de forma poligonal irregular, limitado pela rua Faria Barbosa, largo da Porta Nova, russ Barjona de Freitas, Nogueira e Ferreiro, largo da Fonte de Baixo e viela das Vigandeiras.

Seguindo a muralha do nascente, o primeiro lanço ou quadrela partia do cunhal da torre da Ponte e seguia até ao Pecegal, sempre à margem do Cavado, e ahi terminava n'uma pequena torre ameada que, junctamente com uma segunda cortina de muros exteriores, correndo paralelamente à muralha, defendia uma pequena porta ou postigo, que lhe ficava proximo.

E' o postigo do Pecegal, que ainda hoje se vê bem conservado no quintal da casa do Sr. Martins de Jesus, bem como a torre, já um pouco modificada, a nascente da varanda da casa dos Snrs. Condes de Vilas-Boas.

Era por este postigo que os moradores da vila comunicavam com o rio, o que tinha grande importancia para o abastecimento d'agua em caso de assédio demorado; e, oferecendo uma sahida fácil e oculta, servia tambem de porta falsa ou da traição, por onde se faziam as sortidas e se escapavam os defensores da praça, quando não podiam por mais tempo prolongar a resistencia.

D'este postigo e torre damos tambem uma fotogravura.

A alguns metros para nascente do postigo do Pecegal, subia a

muralha em linha recta para a parte alta da vila, na direcção sul-norte; e, pouco mais ou menos, no local sonde hoje está o edificio do Banco de Barcelos, desviava-se um pouco para noroeste indo terminar no Largo da Porta Nova (antigo Campo da Feira) em outra torre de maiores dimensões que a da Ponte, mas de architectura muito mais singela.

E' uma torre quadrangular, muito alta, de paredes gróseas (2.^m 86) e primitivamente coroada de ameias de defeza, que depois foram substituídas por outras de adôrno, quando para ela mudaram a cadeia (1631 a 1636), que até então estava nas casas que hoje pertencem aos Snrs. Machados Carmonas, no Apoio.

Tem esta torre quatro pavimentos, comunicando os trez primeiros com uma escada de pedra, exterior, por onde tambem se subia às muralhas, e o ultimo por uma escada interior, partindo do terceiro andar.

Na face voltada para a Porta Nova, ha no primeiro andar uma porta em egiva e uma janela em cada um dos andares superiores, e na sua oposta uma janela no terceiro pavimento.

A face voltada para o Campo da Feira, tem apenas uma janela no ultimo andar e na oposta uma porta nos trez primeiros andares, comunicando todo com a escada exterior e nas ultimas duas janelas.

Como se vê de todas as faces da torre a do noroeste, isto é, a voltada para a ermida de Sant'Iago, hoje demolida, é a que tem maior numero de aberturas, o que se explica pelo facto de esta torre ter sido expressamente construída para defeza de uma das partes da vila — a Porta Nova.

Do cunhal norte da torre partia outro lanço de muralha, que ia terminar um pouco adiante, na Porta Nova.

Esta porta dava sahida da rua Direita (antiga rua de Cima de Vila) para o arrabalde do Salvador, ou, mais propriamente, para o antigo Campo da Feira e arrabalde de Vera-Cruz.

Chamava-se Porta Nova (e não Nobre, como muitos erradamente supõem) por ser talvez a ultima construída, ou porque, depois de feita, sofreu quaesquer modificações tendentes a embelezal-a.

Que não era uma porta de architectura singela, como qualquer das outras prova-o o facto de na parte superior do arco haver um oratório de grandes dimensões, onde foi collocada a imagem de Nossa Senhora da Abadia, que, depois, pela demolição d'esta porta, passou para a próxima ermida de Sant'Iago.

(Continua).

Carvalhal, 24-5-1933

Tendo passado incomodado de saude o nosso bom amigo e digno membro da Comissão administrotiva da Franqueira, Sr. Manoel Francisco Alves, encontra-se felizmente, melhor, com o que muito folgamos.

— São dignos de louvores os lavradores desta frèguezia que continuam a ajudar os trabalhos do calcetamento da estrada. Lembremos ao digno Cantoneiro a conveniencia e necessidade de se deixar metade da estrada livre para a passagem dos carros.

— Sabemos que devido à falta de saude retira desta frèguezia o nosso paroco cujo zelo no seu munus é reconhecido por todos os bons catolicos, seus paroquianos. E agora uma pergunta: ficará Carvalhal com pároco proprio ou anexada? O nosso desejo é que tenha paroco proprio, mas, não sendo possivel, deverá ser anexada a Barcelinhos, frèguezia mais proxima, ficando desta maneira pertencente à Cidade: de mais a mais possuímos agora uma rua que vae da Igreja paroquial de Maréces.

“Ecoss da Franqueira,”

Fizeram o favor de pagar as suas assinaturas. Snrs. Joaquim Domingues, Graça, Braga; José Luiz Ferreira, Gilmonde; José Gonçalves Figueiras, soldado n.º 76, pertencente a Cavalaria 9, Braga; e o Sr. Bernardino Ferreira de Carvalhal.

A todos muito reconhecidos, agradecemos.



O Evangelho

Naquele tempo disse Jesus aos seus discipulos: *Se alguém me ama conservará as minhas palavras e meu Pai o amará e a ele viemos e nele faremos habitação: quem não me ama não conservará as minhas palavras. As palavras que ouvistes, não são minhas: são de quem me enviou, o Pai. Isto vos tenho dito permanecendo convosco: O Paráclito, porém o Espírito Santo, que vos enviará o Pai em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos lembrará tudo aquilo que tenho dito. A paz vos deixo, minha paz vos dou; não como a dá o mundo. Não se perturbe o vosso coração, nem tenha receio. Ouvistes que vos disse: Vou e virei a vós. Se me amais, tereis prazer; porque vou para o Pai, que é maior que eu. E agora vos digo isto, antes que aconteça, para que depois acrediteis. Já não vos direi muitas coisas. Vem o príncipe deste mundo e em mim não terá coisa alguma. Mas para que o mundo conheça que amo o Pai, é que assim procedo em obediência a Ele.*

Benefícios do Espírito Santo

O Paráclito, o Espírito Santo, que vos enviará o meu Pai em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos lembrará tudo o que tenho dito.

Celebra hoje a santa Madre Igreja a festa do Espírito Santo, festa que não só tem por objecto recordar e agradecer à Santíssima Trindade o imenso benefício que fez ao mundo dispondo que descesse o Espírito Santo em forma de línguas de fogo e com ruidoso aparato sobre os Apóstolos, dez dias depois de Jesus Cristo haver subido ao céu, mas que abraça também todo o ministério da santificação das almas pela graça do Espírito Santo e se estende a comemorar e agradecer todos os favores do Espírito Santo à sua Igreja e a cada um de nós, seus filhos fieis.

Vemos hoje cumprida a promessa que Jesus Cristo fez a seus Apóstolos na noite da Ceia, como nos refere o Evangelho deste dia: *O Consolador, o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas vos recordará tudo o que vos tenho dito.*

Esta promessa, cristãos, não se refere só aos Apóstolos, mas a todos os que nos gloriamos de ser discipulos de Jesus Cristo, sobre os quais desce a miude o Espírito Santo em forma invisível. Vamos vê-lo em poucas palavras, provando que devemos confiar no Espírito Santo, que exercerá em nós os officios de consolador, mestre e advogado, e que portanto nos devemos dispôr para recebê-lo.

Sabeis todos que o Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, igual e uno em essência com o Pai e o Filho, e procedente de ambos como de um só princípio. E ainda que todas as obras exteriores de Deus sejam próprias a qualquer das tres Pessoas, atribuem-se ao Espírito Santo as obras da santificação das almas, como ao Pai a criação e ao Filho a redenção. Dêste mistério incompreensível à razão humana vos falarei no domingo que vem; por hoje, basta recordar os benefícios do Espírito Santo, fundados nos officios que exerce sobre nós, e para os quais no-lo enviam o Pai e o Filho, segundo o Evangelho.

I.— Estudadas as divinas promessas de Jesus Cristo, vemos que são tres os officios que trata de exercer em nós, como já disse, os quais devem animar-nos a confiar na sua Providência, são:

1.— Consolador.

Ao ver Jesus Cristo que os Apóstolos ficavam tristes pelo anúncio da próxima separação, promete enviar-lhes o Espírito Santo para que interiormente os console, e por isso lhe dá o nome de *Paráclito*, palavra grega que tem o significado de *Consolador* e também o de *impulsor*, o que dá alento e força. E que efectivamente exerceu o Espírito Santo este officio com os Apóstolos ao descer sobre eles no dia de Pentecostes, prova-se pelo facto de ficarem eles contentes e corajosos desde este dia, a ponto de desafiar os poderes do mundo e de se alegrarem na prisão e nos tormentos (Act., V, 41), quando pouco antes estavam tristes e medrosos, e se fechavam em casa com medo dos judeus (Joan., XX, 19).

Este officio continuou o Espírito Santo a exercê-lo na Igreja, pois vemos fieis de todas as idades e condições sofrer alegres o martírio e arrastar com toda a espécie de privações por seguir e confessar a doutrina de Jesus Cristo. Quem é que, sem o Espírito Santo, que interiormente animava a um S. Lourenço, podia consolar-se e ter coragem no tormento das grelhas do fogo, e ainda por cima rir-se do tirano e do suplicio?

2.— Mestre.

Mas não acrediteis que estas consolações e esta coragem consistiam em certa obcecação e cegueira, como a da alguns pagãos; mas que se fundavam na verdade e na santidade da causa, conhecidas, pela luz interior que o Espírito Santo comunica, pois tem o officio de *mestre*. Assim o afirmou Jesus Cristo no Evangelho de hoje: *Docebit vos omnia, (vos ensinará todas as coisas)* que necessiteis para salvar-vos e vos inspirará interiormente a doutrina que vos prègueis.

Assim o realizou nos Apóstolos, que pela vinda de Jesus Cristo lhes haviam ensinado e elles não tinham entendido, e depois falavam em diferentes línguas, e explicavam as antigas Escrituras, e alguns escreveram os Evangelhos e demais livros do Novo Testamento.

Isto mesmo se tem realizado constantemente na Igreja de Deus; e a história se encarrega de provar quantas vezes a sabedoria celestial de meninos como S. Justo e S. Pastor, e de meninas como Santa Inês e Santa Agueda, confundiram a ciência e astúcia dos tiranos.

3 — Advogado.

O nome de *Paráclito* que Jesus Cristo deu ao Espírito Santo significa também *intercessor, suplicante, advogado*, como diz Santo Agostinho, e assim o foi para os Apóstolos, nos quais infundiu espírito de oração e protegeu em todas as debilidades e fraquezas. *Bastante a minha graça*, disse o Senhor em certa ocasião a S. Paulo, quando este se queixava de suas fraquezas (II Cor., XII, 9); e segundo afirma o mesmo Apóstolo, *Esprito Santo ajuda também a nossa fraqueza, e pede por nós com gemidos inexplicáveis* (Rom., VIII, 26), porque da nossa parte não saberíamos orar como convém, se o Espírito Santo não nos inspirasse e movesse.

II.— Tudo quanto fizéssemos para obter esta abundancia de graças do Espírito Santo seria pouco, e tudo poderíamos dar por bem empregado; mas basta que pratiquemos o que o mesmo Jesus recomendou a seus Apóstolos ao ascender ao céu:

1. — Tranquilidade e paz.

Disse-lhes que permanecessem na cidade de Jerusalem: *Sedete in civitate* (Luc., XXIV, 49). Jerusalem significa «visão de paz» o que indicava que se recebe do Espírito Santo, não no tumulto, mas na paz (III Reg., XIX, 11). Portanto, pacificai a alma, tranquilisai a consciência com a confissão.

2.— Recolhimento e oração.

Mandou-lhe que se retirassem para o cenáculo, e assim o fizeram os Apóstolos com a Santíssima Virgem por dez dias (Act., I, 13, 14). Não desce o Espírito Santo sobre almas distraídas, ou pelo menos estas não ouvem a sua voz, mas sobre as recolhidas e entregues à orações (Osec., II, 14).

3. — Confiança e perseverança.

Recomendou-lhes o Senhor que estivessem ali até que descesse a virtude e a força do alto (Luc., XXIV, 49), sem lhes dizer por quanto tempo. Não tarda o Senhor em cumprir as suas promessas (II Petr., III, 9); mas se nos parece que tarda esperemos e confiemos...

Cristãos: preparai os corações para os divinos benefícios, e servi ao Senhor (I Reg., VII, 3). Já vêdes quanto devemos ao Espírito Santo, como Consolador..., Mestre..., Advogado... Procuremos a paz, o recolhimento e a constância, e o Deus da paz e do amor estará connosco (I Cor., XIII, 11).

Peregrinação Portuguesa a Lourdes e Roma

Continua a inscrição. É necessário que de Portugal vão milhares de peregrinos aos pés de Sua Santidade, testemunhar-lhe o seu amor filial e acceverar-lhe que o Portugal moderno herdou a prática as virtudes e os sentimentos religiosos do Portugal antigo.

A peregrinação, sob a presidência do Em.* Sr. Cardial Patriarca partirá no dia 12 de Setembro e regressará em 4 de Outubro.

Terá dois dias de paragem em Lourdes tanto na ida como na volta. Chegará a Roma no dia 17, onde se demorará até ao dia 26. No regresso terá paragens em Pisa e Turim.

Os preços são os seguintes: 1.ª classe 3:950\$00; 2.ª classe 2:950\$00; 3.ª classe 2:125\$00. Nestes preços está incluída a passagem no caminho de ferro, o transporte para os hotéis, a hospedagem e o distintivo da peregrinação. A importância da passagem deve ser paga da seguinte forma: 50 escudos no acto da inscrição e o resto em duas prestações sendo uma até fim de Julho.

Sabemos que desta Arquidiocese irão bastantes peregrinos. Convém não demorar muito a inscrição. Para quaisquer esclarecimento dirigir carta ao Secretário da Comissão Organizadora Dr. Honorato Monteiro, Campo dos Mártires da Pátria, 45, Lisboa, ou à Secretaria Arquiepiscopal de Braga.

Insuspeito...

Comentando um discurso do Sr. Cardeal Patriarca, o Sr. Dr. Marques Guedes, depois de se afirmar «partidario de uma politica de tolerância largamente assente no respeito das crenças da maioria dos portugueses», escreveu: «Não ignoramos o fenomeno religioso e o seu alto papel na vida do Espírito. Creemos que as *ciências são servas* nada nos dizendo de satisfatório ou de definitivo sobre os primeiros principios e os destinos do homem.»

O illustre jornalista passa por um dos expoentes da politica partidária, é tido por muitos como chefe que orienta a sua conduta politica.

Tantos desses fazem da politica um instrumento de ensino religioso. Que dirão eles a estas palavras insuspeitas?...

Considerações oportunas

Nossos deveres para com o Espírito Santo

Jesus, durante os quarenta dias que vão da sua Ressurreição à sua Ascensão gloriosa ao Céu, várias vezes apareceu aos seus discípulos, conversou com eles e comeu, deu-lhes as últimas instruções, ordenou-lhes que fôsem pregar o seu Evangelho até aos confins da terra, que baptizassem a todos em nome da Trindade Santíssima, etc. E afinal, quando estava para os deixar, prometeu-lhes que «lhes ia preparar um lugar» e em breve «lhes enviaria o Espírito Consolador, que lhes ensinaria toda a verdade». E' o facto que vamos comemorar no presente domingo—a descida do Espírito Santo, sobre os Apóstolos, reunidos no Cenáculo com Maria Santíssima.

E' a vinda, à terra, da terceira pessoa da Santíssima Trindade, encarregada de comunicar às almas aquelas luzes, dons, graças, que Jesus nos mereceu com a sua Paixão e Morte. Daqui os deveres que temos a cumprir para com o Divino Espírito Santo. O primeiro desses deveres é a *adoração*, porque é Deus, procede do Pai e do Filho, a quem devemos adorar e glorificar, prestando-lhe culto interior e exterior. Infelizmente há muitos cristãos que o esquecem, que nem dêle se lembram; é para eles «um Deus desconhecido», a quem S. Paulo via dedicado um altar, em Atenas (Act., XVII, 23).

O segundo dever é a *oração*, para obter dêle as graças precisas. E' o exemplo que nos dá a Igreja, que nada empreende, sem invocar as luzes do Espírito Santo. Assim a eleição do Sumo Pontífice, as ordenações dos Bispos e dos Sacerdotes, os concílios, os negócios difíceis, nada se começa ou acaba, sem a invocação do Espírito de sabedoria e de inteligência, de conselho e de força, de ciência e de piedade. *Veni, Creator Spiritus*.

Devemos pois imitar a conduta da Igreja, invocando o Espírito Santo ao começar os nossos trabalhos, no meio das nossas dificuldades, nas circunstâncias mais importantes da nossa vida. E só assim esse Espírito consolador nos enviará *sua luz*, para que bem conheçamos o nosso dever; a *sua força*, que nos auxilie no cumprimento dos nossos deveres; o *seu socorro*, para que sobrenaturalizadas sejam as nossas acções. *Veni, Sancte Spiritus*.

Enfim um outro dever temos a cumprir — é a *docilidade* com que devemos corresponder à sua acção benéfica para com as nossas almas. Essa docilidade deve ser de todos os dias, pois o Espírito Santo não cessa de *bater às portas do nosso coração*, com as suas inspirações, os seus conselhos, as suas consolações, os seus dons e frutos. Não o contristemos pois com a nossa desobediência: *nolite contristare Spiritum Dei* (Eph., IV, 30).

E sobretudo devemos ser docéis na *hora da morte*, em que os inimigos da nossa salvação empregam todos os esforços para nos perder; escutêmos o Espírito Santo, que nos encherá de luz, força e graça.

Aproveitêmos a presente festa, para nos penitenciarmos das faltas passadas, e formêmos propósitos, esclarecidos e firmes, de bem cumprirmos os nossos deveres para com o divino Espírito Santo, daqui para o futuro.

SILVIO.

Auxiliar a Boa Imprensa é o dever de todo o católico sincero.

VARIEDADES

© berço e o barco

Um berço... Linho e rendas... uma criança
E, ao lado, um coração de mãe, atento!
Doce vigília, enquanto o pensamento,
Revôa do temor para a esperançã

Sim! Pensa, e sofre equela mãe!... Oh quantos
Espinhos, e trabalhos, e amarguras,
Depara a vida ás miserias criaturas
Em seu trajecto, neste vale de prantos?

Move-se o berço, num vae-vem mansinho:
Freme, de leve, o niveo cortinado...
E o infante dorme, calmo descuidado,
Como a avesita no calor do ninho.

Fóra, o esplendor da natureza... O mar
E' um sonho verde; o céu, uma apoteose!
E a luz, e o aroma, em mistica nevrose,
Em tudo vivem como num altar!

Na praia mansa, um barco que se apresta,
Barco de pesca, fragil, pequenino...
Um pescador, no campo neptunino,
Vai arriscar-se, vai á lida honesta

No dorso d'água, baila o barco... As velas
Fremem, beijadas pela viraçã...
Ao lado, uma mulher, um coração
Que se angustia, á ideia de procelas...

E' a doce mãe do pescador, em prece:
E' um coração a arfar, e que não cansa
De orar, paro que ao Porto da Esperança
Serena e afoita a embarcação regresse.

Um berço... Um barco... Simbolo flagrante
Da humanidade, em transito no mundo!
A vida, é bem um pélagos profundo
E o mar é, como a vida, o abismo hiantel

E ha sempre duas praias. — tão distantes!
A praia branca, que limita o mar,
E a azul, — do Céu — que dev e limitar
Toda vida, nos ultimos instantes!

E ha sempre uma ansiedade, em paroxismo;
Mãos postas, olhos no alto, a suplicar,
Para que em porto amigo possa entrar
Aquele que caminha sobre o abismo!...

Do berço vai a criança para a vida;
Da praia segue o barco para o mar...
Quantas agruras eles vão passar!
Quanta ilusão eles verão perdida!...

Mas, não receeis, ó mãe!... Os filhos teus,
Com tuas preces, gozam salvaguarda!
Na terra, o amparo têm do Anjo da Guarda,
Do Céu os abençoa a Mãe de Deus!

E eles seguem, com a graça acrisolada,
Que anima, e fortalece, e felicita,
Graça sem par, intermina, e bendita,
Da Mãe de todos nós, da Imaculada!

Dr. Octavio Ferreira de Melo

NOTA ALEGRE

Entre uma mendiga e um comunista, á porta de um botequim:

— O' meu caro senhor tenha compaixão de mim; sou uma pobre envergonhada...

—Tenha paciencia irmãzinha.

Eu cá sou um pobre desavergonhado!

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Levo a vida independente
Não preciso de ninguém,
Não tenho nenhum parente,
Levo a vida independente.
Sou rico, nobre e potente,
Não me importa fazer bem;
Levo a vida independente—2
Não preciso de ninguém.

Tenho vasta intelligência,
Encerro grande memória,
Revelo grande eloquência,
Tenho vasta intelligência.
Não receio a emergencia
Que possa roubar-me a glória;
Tenho vasta intelligência,
Encerro grande memória —2

Tenho sempre entrada franca
Em qualquer lugar que eu vá;
P'ra mim nada se atravanca;
Tenho sempre entrada franca.
Inda ontem Dona Branca
Me chamou p'ara tomar chá;
Tenho sempre entrada franca
Em qualquer lugar que eu vá

Lebricho

EM FRASE

Este planeta, por se ver isolado, considera-se inditoso.—2—1.

Quem gosta de socêgo, não está bem ao pé de quem chora na igreja.—2—2

H. Raio

Quem reside na cidade italiana, não passa de um basbaque.—2—2

Não foi pequena a fadiga e o sofrimento que me causou este assassino.—3—1

H. Leitor

BIFORMES

A pessoa impertinente
E' difficil de aturar:
Do barqueiro dependente
Mal lhe vai se não mudar—3

Agar Ramos

AUMENTATIVAS

Quando na rede pensei
De arrastar muito peixinho.
Estupefacto fiquei
Ao ver nela um passarinho—2

Madre Helena.

SINCOPADAS
(por silabas)

3—Das rezas, o cantochão,
Encerra este livro, creia;
Vaso Santo, a tradiçã,
Diz que Cristo o teve á mão
Na noite da Santa Ceia.—2

Lebricho

3—Quem se arruina no jogo, comete um pecado—2
3—A moeda de hoje, não se compara em valor com a moeda de outros tempos—2

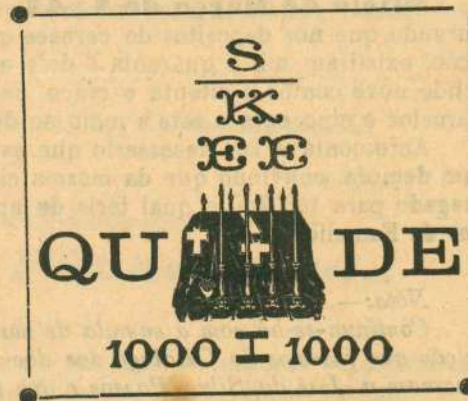
H. Pita

DIRESSÃO GEOGRÁFICA

Diga o que quer, não se acanhe,
Abra a boca e só falar:
Embora p'ra pão não ganhe,
Mais não lhe posso pagar.

Kant Helena

ENIGMA TIPOGRAFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 21 são: Funerária, Maria-Maia, Girão-Gião, Sarampo-sapo, Ibirá-ira, Marreco marco, Corvêta-corta, Apercá, Estampado, Inventário, Araruta-aturara, Saraiva-aviarás, Fornos de Algodres e Consoidado.

Velharias

A Patuleia em Barcelos

Officio de 3 de Janeiro de 1847, do secretario da administração, Antonio José Teles de Sá ao Ministro da Guerra

Anuncia que às 4 horas da tarde, entrou na vila uma força de populares armados de espingardas, afim de darem o grito a favor da Junta Provisória e começarem as autoridades ella a submetidas no exercicio das suas funções.

Passaram á casa do regedor e d'ele secretario, pedindo coadjuação e depois foram á casa da Camara.

Posto o estandarte real, cobriam-se os ares de fogo e romperam os seguintes vivas: «á Santa Religião Catolica Apostolica Romana», «á carta reformada», «á Nossa Augusta Rainha Dona Maria II», «á Junta Governativa do Porto», e aos «Bons portuguezes».

Tocaram repiques de alegria os sinos de todas as torres, mandou-se depois recolher a força armada e os populares deram descargas festivas nos suburbios da vila.

Officio de 20 de Junho de 1847, de David de Barros da Silva Botelho, ao ministro do reino, enviando um auto referente a um cofre que remete e onde se recolhera o dinheiro encontrado nas ruinas da casa de Antonio José Simões Rodrigues, destruida por um incendio.

Este cofre continha: pesando trinta arrateis e outro cinco arrabas com quinze arrateis menos uma quarta, sendo o peso constituido por metaes meio fundidos, entre os quaes havia dinheiro cunhado, tanto em cobre como em prata.

Officio de 27 de Janeiro de 1847, de Tristão de Abreu Albuquerque a José da Silva Passos, participando que no fim do mez corrente mandaria todo o dinheiro que tivesse cobrado e que, a partir do primeiro dia do mez seguinte, seria exacto na remessa das tabelas semanaes dos dinheiros cobrados.

Acrescenta que activava a cobrança dos rendimentos publicos; que confiava em que, dentro de dez dias, principiará a cobrança da décima de 1845-1846, no concelho de Barcelos; que ia ser instalada em Famalicão a Junta do lançamento; que tinha um só empregado, que trabalhava dia e noite sem descanso, e que não lhe era possível dar conta do expediente; que ainda se lhe não tinham apresentado os batalhões mentados mandados pôr á sua disposição.

Officio de 9 de Março de 1847, do mesmo ao mesmo, informando que no dia anteior fôra a Braga, por ordem do Conde de Almargem, um official de lanceiros seceber uma quinzena de pret, que lhe fôra immediatamente satisfêta pagando-se também uma quinzena ao Batalhão Nacional de Barcelos.

Informa ainda que foi pago o pret, em divida aos batalhões do Minho, e que esperava realizar dinheiro até ao dia 18 do mez corrente para satisfazer a importancia da quinzena que estava decorrendo ás forças do Conde de Almargem.

Officio de Março de 1847, do mesmo ao mesmo, assegurando que nos depositos de cereaes que estabelecera em Famalicão, existiram mil e quarenta e dois e meio alqueires de milho, sendo nove centos e oitenta e cinco pertencentes ao concelho de Barcelos e cincuenta e sete e meio ao de Braga.

Acrescentava ser necessario que este milho entrasse no Porto sem demora, convindo que da mesma cidade fosse mandado um empregado para tal fim, o qual teria de apresentar-se ao administrador de Famalicão.

Nóta:—

Continua-se-há com a sumula de mais alguns documentos, transcrição que fazemos do Catalogo dos documentos manuscritos que pertenceram a José da Silva Passos e que foram oferecidos á Real Biblioteca Municipal do Porto por D. Ana Luiza Rodrigues Freitas.

Claro que farei isto se os intrusos sabichões-môres a isto se não opuzerem.

Fra Casil.

Capela do Capitulo do Convento da Franqueira

é Padroeira d'ela a Casa da Silva

No claustro do Convento está a capela do Capitulo, de que é Padroeira a nobilissima Casa da Silva, sita na frêguezia de S. Julião, no vale de Tamel, da outra parte da Vila de Barcelos.

N'esta Capela se veem no tecto esculpidas as armas d'aquella illustrissima Casa e um carneiro onde se sepultam os Senhores d'ela, com o letreiro na tampa d'ele:

Aqui jaz Antonio do Souza e sua mulher Dona Maria da Silva, que faleceu no ano de 1573.

Estes dois casados foram Instituidores do Morgado e Casa da Silva, segundo consta do seu testamento e instituição, que se acham no Arquivo do Convento, que foi feito no mesmo ano de 1573, sendo eles moradores na vila de Guimarães e sendo Duque da mesma vila e Condestavel do Reino, o Infante D. Duarte, filho do felicissimo Rei D. Manuel.

O letreiro sobredito está alguma coisa confuso por falar no singular, mas é certo que ambos os consortes oram ali sepultados; elle se chamava Antonio de Sousa Alcoforado e ella D. Maria da Silva e Lima; elle era fidalgo da Casa Real e Comendador de S. Pedro de Merlim na Ordem de Cristo, e ella era Senhora Nobilissima., filha de Fernando de Mesquita. Senhor do Morgado de Outu que foi um dos mais valorosos portuguezes que em serviço do Reino ostentou o seu esforço, bisneto de D. Leonel de Lima, primeiro Visconde de Vila Nova de Cerveira e quarta neta de D. Tereza Pereira, irmã inteira do Grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Procede o dito Antonio de Souza Alcoforado dos antigos Reis Godos, por D. Mendo Gomes, que vivia na cidade de Toledo ao Tempo que D. Afonso IV, Rei de Castella a ganhou aos mouros, no ano de 1085, do qual D. Mendo Gomes foi filho legitimo D. Gueda Mendes, o Velho, que veio com o Conde D. Henrique, pae do nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, a Portugal, onde casou e d'este por linha recta e legitima descende o dito Antonio de Souza Alcoforado, sempre por varão, segundo a ordem de filiação seguinte:

- 1— D. Mendo Gomes
- 2— D. Gueda Mendes
- 3— D. Huer Gueda
- 4— D. Pedro Hues
- 5— Menor Pires de Aguiar
- 6— Pedro Mendes de Aguiar
- 7— Martim Pires de Aguiar
- 8— Pedro Martins Alcoforado
- 9— Afonso Pires Alcoforado
- 10— Martim Afonso Alcoforado
- 11— Pedro Martins Alcoforado
- 12— Gonçalo Pires Alcoforado
- 13— Martim Gonçalves Alcoforado
- 14— Fernão Martins Alcoforado.
- 15— Gonçalo Vaz Alcoforado
- 16— Francisco de Souza Alcoforado
- 17— Antonio de Souza Alcoforado, que é do que falamos e está sepultado na Capela do Capitulo do Convento do Monte da Franqueira.

D'este Antonio de Souza Alcoforado são descendentes os Senhores da Casa da Silva por linha recta de varão, segundo a ordem da filiação seguinte :

- 1— Fernando Martins de Souza, que foi Comendador de S. Pedro de Merelim na ordem de Cristo e Capitão Mór de Chaul e de algumas armas, e serviu na India com muito valor.
- 2— Francisco de Souza da Silva
- 3— Francisco de Souza da Silva
- 4— Antonio de Souza e Silva
- 5— Francisco de Souza Alcoforado Rebelo, que hoje vive, todos Fidalgos da Casa Real.

E' o seu jazigo, como temos dito, na dita Capela; n'ella estão sepultados pae, avô, uma irmã e um filho mais velho do que hoje vive, o qual é hoje Comendador na Hordem de Cristo e Senhor da Honra e Torre de Frazão, sita na frêguezia de Lordelo, Bispado do Porto chefe da familia Alcoforado n'este reino por Pedro Martins Alcoforado, que foi o primeiro d'esse apelido e quarto decimo avô do mesmo, que hoje vive.

O Padroado da dita Capela e jazigo foi dado no Capitulo Provincial, que se celebrou no Convento de Santo Antonio de Evora no primeiro de janeiro de 1590, por patente do novo Ministro Provincial Fr. João de Evora, assinada por toda a Meza da Definição e passada em 5 do mesmo mez e ano, ao subdito Antonio de Souza Alcoforado, instituidor do Morgado da Silva, de cuja geração era D. Henrique de Souza, ultimo Comendatario do Benedictino Mosteiro de Rendufe, que no ano de 1563 nos tinha mandado o Convento para onde hoje está.

(Extrato da Chronica da Santa Prov. de Nossa Senhora da Soledade—(1762) por Fr. Francisco de S. Tiago).

Fra Casil.